



# O Gaiato

Quinzenário \* 14 de Abril de 1984 \* Ano XXI — N.º 1046 — Preço 7\$50

PORTE  
PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

● Outra vez no bairro de Miragaia. Afinal, não são cinquenta escadas — como há dias referi — são duzentas até à marginal do Douro.

Não são, porém, os degraus as dores das Criaditas dos Pobres... Sim, as angústias dos irmãos. E são tantos!

Falo, hoje, desta:

Aquela mãe doente e «dolorosa» — porque sua filha, menor e anormal, teve um bebé... As suas lágrimas são mais calhaus rolados a sair dos olhos. Tanta pena me fez esta mãe no seu leito onde aconchega o neto — filho!

Há quem diga que o Douro, no fim da sua caminhada, fica triste — talvez de todas estas lágrimas rolaçadas, que descem da Ribeira, do Barredo e de Miragaia.

«Pobres terels sempre convosco.»

Sim. Porém, o Senhor é contra a degradação, a miséria e a promiscuidade. E nos ordena, claramente, que deitemos a mão. Não com paliativos que se esfumam nas águas do rio... Urgente — uma or-

dem inteligente e justa, um tratar seriamente os problemas.

Se muitas vezes é o problema da fome..., muitas outras é o álcool, o jogo e a impunidade de tantos pais que sacodem mães e filhos — ou mães, os filhos e os maridos.

Ainda hoje, dia 27/3/84, uma senhora nova bateu à porta a pedir com lágrimas que admitíssemos três filhos que o pai deixou — fugindo com outra mulher. Só tinham o ordenado dele. Os vizinhos têm ajudado, mas vão cansar-se.

O que será mais prejudicial para a sociedade — o roubo dum automóvel ou o abandono de três filhos?

Os lares desfeitos são fruto e sinal da crise da família, de tantos casamentos levianos e dum virar costas aos princípios cristãos.

Que não se esperem outros frutos duma sociedade afastada do seu Deus.

Cont. na 4.ª página



## FESTAS NORTE

Um crescente interesse geral!

— Há muita gente que espera o último dia do mês... — afirmam por lá. E acrescentam no mesmo tom: — **Prà forma como a vida está..., a marcha é normalíssima. Vamos ter uma boa casa, se Deus quiser.**

A pouco menos de uma semana da primeira Festa no Coliseu do Porto estava já assegurada mais de metade da lotação da vasta sala!! E os que não podem (ou não puderam) estar connosco a 5 de Abril, à noite, reservaram já lugares — com receio de ficarem muito atrás... — para a Festa-repetição no próximo dia 6 de Maio, domingo, às 11 horas da manhã, no Coliseu do Porto. Sublinhado intencional, pois muita gente — pela rotina — supõe que a repetição da Festa seria à tarde. É às 11 horas da manhã! Daí, convém passar palavra para se não repetir o que aconteceu em 1981...! Aliás, na bilheteira do Coliseu do Porto e no Espelho da Moda (à rua dos Clérigos, 54) vão esclarecendo — para não haver confusões.

A próxima Festa matinal no Coliseu do Porto — além de vir a ser bisada, também, por muitos Amigos em redobrada alegria — contempla especialmente dois estratos: os mais novos e os mais velhos. Por afazeres escolares, àqueles dá mais jeito o domingo. Para alguns idosos — em metrópole de grande movimento — é mais cómodo sair de casa em pleno dia que depois do sol posto:

— **Vivemos sós... Sofremos doenças próprias da idade...**

Não dá jeito andarmos de noite por lá...! — escutámos da boca de velho Amigo.

E que dizer doutros — muitos mais — residentes na periferia do grande Porto? Ora ouçam:

— **Era um sacrifício estarmos convosco a 5 de Abril...! Mas não falharemos na manhã de 6 de Maio, domingo, se Deus quiser.**

— Não é só o problema do transporte... Sexta-feira é dia de trabalho p'ra nós e d'estudo pròs pequenos. A Festa, assim, ò fim da manhã, será o prolongamento do preceito dominical! — escutámos, ainda, na capital do Norte.

Outra presença — por carta — da cidade Invicta:

«É com muito carinho que me dirijo a V. para que me dêem a honra de ser assinante do tão querido jornal O GAIATO.»

Estou neste preciso momento a ouvir a Rádio falar dos 40 anos «... que O GAIATO safu de casa com a cesta no braço e de mangas arregaçadas começou a semear...».

Com imensa pena não me será possível assistir dia 5 de Abril à Festa no Coliseu do Porto, por motivos de ordem profissional. Sou profissional de informação e sei muito bem o que é pôr um jornal na rua. Adoro ler O GAIATO pois é um jornal de Paz e de Amor...»

Esta nossa Amiga fará o possível para estar connosco domingo de manhã, no Coliseu;

Cont. na 4.ª página

## PARTILHANDO

● A fome já está aí a bater à porta de muitas famílias. É o caso desta mulher que vem acompanhada de um dos seus filhos e conta a sua história — a do desemprego — flagelo dos nossos dias! — **O meu marido foi despedido. O meu filho mais velho aleijou-se no trabalho e está inutilizado. Tenho oito filhos. Vou às pinhas dos montes, mas ninguém as compra! Devo doze contos na loja e há dias em que passo fome.**

Eis o fim... A fome! Gente da aldeia onde as ervas dos campos se transformam em leite e carne e os vizinhos se

olham como família. Onde o pão nasce verde e a solidariedade é clara.

Aqui e hoje, começam a chegar às carências de outoral Com mais força e outro rosto. Muita gente deixou a sua terra, os seus campos e a sua enxada. Empregos nas cidades e vilas fizeram das aldeias a imagem do deserto... Muito dinheiro escondido na solidão dos campos por cultivar. Agora, voltam atrás... Custa tanto! Foi um sonho de melhores dias que tanta gente simples procurou com razão — mas em vão. Ninguém preveniu ninguém e todos previam, com certeza...

Ainda estaremos a tempo de seguir os exemplos bons de muitas nações evoluídas que dão a mão e o progresso ao interior das suas aldeias? Para fixar e interessar os povos pelo seu cantinho — onde todos se sintam em casa. Motivados e identificados. Energias poupadas e mais e melhor trabalho. Ainda estaremos a tempo? Mas não podemos perder tempo!

Aquela mãe empregou a palavra fome por via do desemprego dos seus. E tem já um dos seus filhos preso na cadeia. Isto é apenas um alerta para nós!...

Padre Moura

# Do que nós necessitamos

Se não escrevo mais a miúdo, os sobrecritos de ofertas vão-se amontoando e, daqui a pouco, não saberei por onde começar!

Pelo Natal, o correio é sempre muito; mas, ultimamente, tem havido bastante, pelos avisos aos nossos assinantes que respondem generosamente, embora um ou outro refil e, às vezes, com razão. Mas o postalzinho é apenas uma lembrança para os esquecidos. Pai Américo nunca quis preços em nossas edições, mas que cada amigo participasse com o que quisesse e pudesse. O que importa é o amor e carinho que as pessoas nos trazem — e mostram que a caridade cristã é uma realidade. Os cristãos não se devem ajudar uns aos outros só por mera justiça social, mas praticando a caridade que só acabará no fim dos tempos.

Aquele casal que, por duas vezes, vem até nós com o seu amor, da última vez o óbulo foi pelo aniversário do seu Matrimónio. Um viúvo de meia idade entregou um contributo por alma da esposa, com os olhos rasos de lágrimas. O Matrimónio cristão — Sacramento que

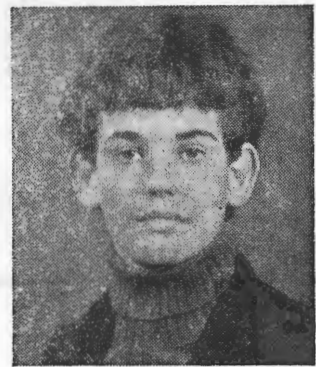
Cristo instituiu e só Ele o poderá anular. Ser-se fiel e dizer que se ama a esposa ou vice-versa quando se é novo e tudo corre às mil maravilhas, é muito fácil; mas é através das contrariedades da vida, no sofrimento, que as almas se aperfeiçoam e que o Matrimónio ganha raízes mais profundas e se purifica. Aqui temos a caridade, novamente, em evidência. É impossível viver-se em união sem ser em caridade. E esta é amor. O resto, filantropia.

Os noivos também chegam até nós para melhor prepararem o seu Matrimónio. E aqui estão, de Leiria, com 3.000\$00 para que Deus lhes guie o ideal; visitante 10.000\$00; para ser aplicado no que entendermos, 500\$. J. Fernandes F. Simões & Filhos, cobertores bem quentinhos; em memória de Palmira, 50.000\$; um grupo de jovens envia 1.200\$ e pedem desculpa por ser pouco: «ainda somos muito pelintras»; assinante 28591 por intenção de Pai Américo, e um seu grande amigo, cinquenta mil escudos; José Carlos, 2.000\$; Rosalina, uma caixa com boa roupa; mil escudos em sufrágio da alma de um ente querido; mais

seis cobertores de Seia; pelo Benjamim, 2.000\$; Padre M. Trigo, 10.000\$; promessa a Nossa Senhora Auxiliadora, 500\$; Cunha S. Brito, de Portimão, 50.000\$; Amigo de Águeda, para a mercearia dos nossos Pobres, 2.000\$; alunos da Escola do Magistério Primário do Porto, 4.000\$; Maria Carmen, mais uma vez, 2.500\$ e palavras muito cristãs; M. Cândida, 20.000\$00 por cheque; por alma de Valentim e Olanda, 250\$ e outro tanto de um anónimo de Penafiel. Vinte mil escudos de M. Marques Conceição, de Lagos; Alípio Dias & Irmão, L.da, todas as sementes que temos pedido; Isabel de Matos, 1.000\$; L. Costa, cinco mil; mais mil, de Rita; Gabriel 20.000\$; mais dez mil da Agência Malanje; por intenções de sua filha Maria Sílvia, 1.000\$; por alma de Mário, 1.000\$. Uma admiradora da nossa Obra, 300\$. A Casa Veludo sempre pronta a oferecer o papel higiénico necessário. Assinante 22344, para três viúvas necessitadas, 3.000\$; Laurinda Malheiro, 5.000\$; Conferência Masculina de S. Cristóvão, de Ovar, 5.000\$; mais 45.000\$ da Conferência da Paróquia de Mafamude — Gaia. Obrigado,

## Retalhos de vida

### «JANOTA»



O meu nome é Rogério Paulo Jorge Amado. Sou conhecido por «Janota». Nasci a 4 de Outubro de 1968.

Estive em Mira de Aire numa casa de Religiosas até aos sete anos de idade. E como elas não me podiam ter lá, conseguiram que eu viesse para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Não conheci o meu pai nem a minha mãe! Até agora não os vi! Só conheci a minha madrinha, avó, tia e irmãs. Pois eu gostaria de conhecer toda a minha família.

Estou muito bem aqui, na Casa do Gaiato. Agora trabalho de trolha — que é uma boa profissão — para quando for mais homem poder ganhar para viver.

Rogério Paulo

Senhor, pelo dom de amor que concedeste aos homens. Do Fundão, pedindo orações pelo agregado familiar, um cheque; por uma graça de Pai Américo, 500\$; em comemoração do seu aniversário, 5.000\$ de Gavião. E muito obrigado pelas suas ofertas nas Missas dominicais. Os contributos materiais são precisos, mas a comunhão espiritual ainda mais. Cinco mil escudos para os ge-

lados dos nossos pequeninos quando forem para a praia gozar férias. Outra parcela do subsídio de férias de Celeste; 7.000\$00 da assinante 19.390, pensão de reforma da Caixa de Aposentações. A terceira idade a cuidar dos jovens! J. L. B. Fonseca cinco mil escudos; pela alma do filho, uma mãe de Matosinhos, 500\$; no Espelho da Moda, 12.000\$ de João Ribeiro; Maria de La Sallette deixa 10.000\$, em visita à nossa Casa, e mais 3.000\$00 para os doentes do Calvário; por alma de Mimososa Faria, 1.000\$ dos colegas dos T. L. P. No Lar do Porto: 900\$, mais 100\$ e mais mil e quinhentos de uma anónima e dois mil e duzentos e cinquenta da Irmã Maria Rosa.

Fernando Dias

## Paço de Sousa

FESTAS — Na altura em que escrevo, a pouco mais de 24 horas da estreia em Vila Nova de Famalicão, o nosso Júlio Mendes refere em nota sobre Festas que a lotação da sala do Coliseu do Porto talvez encha na quinta-feira, dia 5 de Abril — data do espectáculo. Já estão a servir bilhetes para a Festa-repetição em 6 de Maio, domingo, às 11 horas da manhã! E as pessoas que levantam bilhetes para a Festa-repetição de domingo, no Coliseu do Porto, são logo avisadas que ela é de manhã e não à tarde, para se desfazer a confusão que houve em 1981, pois muitos Amigos foram à tarde, perderam o seu tempo, e não tiveram o gosto de assistir à Festa.

Todos os festeiros estão entusiasmados e Deus permita que não apareçam gripes e dores de garganta a ninguém...

CURSO DE SERRALHARIA — Terminou mais um curso de serralharia apoiado pelo Centro de Formação (acelerada), do Porto. Correu bem. Apresentamos os nossos parabéns a todos: monitores e alunos, a maioria destes são gaiatos. O curso teve seis meses de duração e todos tiveram bom aproveitamento.

Após o fim do curso, houve uma confraternização entre monitores do Centro de Formação e os responsáveis pelas oficinas da nossa Aldeia.

José Carlos

## PELAS CASAS DO GAIATO



### Notícias da Conferência de Paço de Sousa

□ A vida está cada vez mais difícil para os Pobres. São os que mais sofrem!

Os preços dos géneros alimentícios trepam sem jeito nem medida e o pouco que os Pobres têm não acompanha o ritmo de inflação.

As batatas são, agora, a preço d'ouro. O pão — que não tardará a voar... outra vez — está já a ser auto-rationado pelas famílias carenciadas. Há dias, em reportagem de um matutino, os industriais queixavam-se que os fabricos diminuíram entre 20 a 30%. Pois sendo o pãozinho a base de alimentação dos Pobres, não há melhor indicador para se avaliar as dificuldades nos arraiais da pobreza — que descamba na miséria imerecida.

Constatamos que os Pobres mais pobres estão a sofrer como há muito não sofriam. E estão surgindo mais estratos altamente carenciados...! Ouvimos e sentimos as lamentações, que procuramos suprir na medida da generosidade dos nossos Leitores.

Hoje, não era só pão. E, no entanto, mexe também com ele: Dois autoconstrutores aflitos com pesadíssimos encargos, sem toparem que para alívio da sua cruz. Famílias cingidas a parcos vencimentos que mal chegam para a alimentação, quanto mais para a heróica aventura em que se meteram — porque não encontraram habitação social, normalmente construída na periferia das zonas urbanas, que o interior do País pertence a outra pátria, a outro mundo...

São tão clamorosos os problemas sociais — do pão à habitação, da saúde ao desemprego — que estamos a ver Pai Américo, no Céu, mais triste pela dor dos Pobres; rejubilando, no entanto, com a vigorosa posição da hierarquia da Igreja portuguesa — mais desperta para a voz dos Sem-voz.

PARTILHA — Fundão, presença muito assídua — 1.000\$00. Braço, o dobro «este dia de S. José, para ajudar as Viúvas em primeiro lugar — as que têm mais necessidade por causa dos filhos». No Espelho da Moda, 1.000\$00 de Maria. Metade da Rua Alegre, Foz do Douro. Avenida Fernão de Magalhães, Porto, 8 contos. Este Amigo diz que estará presente no Coliseu do Porto.

Escalhão, uma oferta oportuna. Aque-la Amiga que, de vez em quando, nos visita, deixa 1.000\$00 num sobrecrito — com muita discrição. Rua Vasco da Gama, Santarém, um cheque dividido, também, pelos Pobres da Conferência e um desabafo:

«Choro muitas vezes de consolação ao ler O GAIATO, pela mensagem de paz e amor que nos transmite, ao contrário da maior parte da Comunicação Social que só mostra guerra, crime, ódio...»

S. Martinho do Porto:

«Estamos a viver mais uma Quaresma, tempo de oração, penitência e doação. Não queria passar alheio, sabendo que muitos Irmãos nossos estão passando horas de sofrimento e necessidade. Por isso, envio este cheque de mil escudos que tem por finalidade ajudar os casos mais necessitados.»

Se todos os cristãos fizessem uma renúncia nesta santa Quaresma, muitos dos que sofrem, veriam brilhar a alegria nos seus corações.

Como o tempo é ouro e os correios são caros, nada de resposta — que verei depois no saldo da conta.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Novos Assinantes de O GAIATO

A procissão vai de vento em popa — graças a Deus!

Os nossos Padres têm pregado O GAIATO em comunidades paroquiais, motivando os cristãos a inscreverem-se assinantes do jornal. Esta acção, incluída na celebração eucarística, remexe as almas!

«Eu pretendo pôr toda a minha alma nas regras de O GAIATO: Não aceitar anúncios; não falar de guerras; não dar notícias do estrangeiro; não atacar ninguém» — acentua Pai Américo. E continua: «Dizer somente o que é, como é — e basta! A maneira mais eficaz de pregar o amor de Deus é acudir às feridas do

(Cont. na 3.ª página)

# CASA DO GAIATO DO PORTO — Paço de Sousa

N. R. — Em 20 de Abril de 1943 — há 41 anos — Pai Américo tomou posse da antiga Casa Pia de Paço de Sousa e, nos terrenos da quinta, deu início, a 27 de Maio, à construção das primeiras moradias da Casa do Gaiato do Porto que, ao longo de quatro décadas, já serviram de tecto à formação integrada de centenas de Rapazes que foram «Lixo das ruas».

Hoje, não resistimos a publicar a breve história da nossa Aldeia, de Paço de Sousa, entre 1943/53, escrita pelo punho de Pai Américo, com um ou outro pormenor talvez inédito nas páginas d'O GAIATO. Vinte e quatro parágrafos que resumem os primeiros dez anos da construção da Casa do Gaiato do Porto, cuja pedra angular é o Santíssimo Nome de Jesus.

Seria mais expressivo o fac-símile do documento! No entanto, é uma presença viva de Pai Américo, que nos faz recordar, com mais força, os obstáculos de velhos do Restelo que ultrapassou pelo carisma da sua fé no Coração de Jesus, único Libertador dos Pobres — que ele amou até ao fim, heróicamente.

Tomei posse da antiga Casa Pia (de Paço de Sousa) no dia 20 do mês de Abril de 1943.

Em o dia 27 do mesmo, começou-se a demolição daque-

la parte do antigo convento que mais sofreu com o incêndio.

Em o dia 27 de Maio, do mesmo ano, deu-se início à construção das casas n.º I, n.º II e n.º III, as quais subiram simultaneamente.

Em Agosto, ainda do mesmo ano, coube a vez aos alicerces da chamada casa-mãe.

Neste mesmo ano, a 31 de Maio, chegaram da Casa do Gaiato de Coimbra (Miranda do Corvo) três pequeninos súditos que formaram a Comunidade Infante, instalada nas ruínas da Casa Pia.

A Comunidade foi engrossando e no dia em que nos instalámos na Aldeia, que foi no primeiro de Janeiro do ano de 1946, o número de Rapazes subia a 96.

Em o dia 8 de Agosto do ano de 1944 lançámos a primeira pedra da capela.

Em o dia 15 de Fevereiro de 1945 coube a vez ao edifício das oficinas.

Em 27 de Janeiro de 1945 teve a mesma sorte a enfermaria.

Em o dia 24 de Março do ano de 1946 foi a inauguração oficial da nossa Aldeia e bênção da capela. Os edifícios ao tempo construídos e habitados, eram: casa-mãe, casa-família I, casa-família II, casa-família III, oficinas. Por parte do Governo vieram o ministro das Obras



Em Agosto de 1943 coube a vez aos alicerces da casa-mãe.

Públicas, eng.º Cancela de Abreu, e o subsecretário da Assistência, Dr. Trigo de Negreiros. Estiveram, ainda, as autoridades do Porto e de Penafiel, e o senhor Bispo, que benzeu a capela, D. Agostinho de Jesus e Sousa.

Em o dia 16 de Julho de 1946 lançou-se a primeira pedra da casa-família n.º IV.

No dia 31 de Agosto de 1946 levantou-se o cruzeiro.

No dia 18 de Outubro de 1946 começaram os homens a abrir alicerces para o edifício da escola.

Em o dia 11 de Janeiro de 1947 ficou pronta de pedreiro, a casa-família IV.

No dia 13 do mesmo mês lançaram os nossos Rapazes a primeira pedra do edifício das escolas.

A inauguração da cabina particular da iluminação (elétrica) teve lugar no dia 6 de Março de 1948.

No dia 23 de Março de 1948 foi colocada a derradeira pedra no edifício das escolas.

No dia 24 de Março de 1948 transferimos os azulejos da antiga capela do convento e refeitório e aproveitámos todos quantos se podiam aproveitar, tendo com eles guarnecido os átrios do refeitório e das escolas da Aldeia e também da capela.

No dia 16 de Agosto de 1949 inaugurámos a tipografia, começando o quinzenal O GAIATO a ser ali impresso.

Na primeira semana do mês de Setembro (do mesmo ano) começámos a demolir a antiga abegoaria do convento e no mesmo sítio construíram-se os estábulos para doze cabeças de gado.

No dia 20 de Março de 1950 inaugurou-se o balneário.

Tendo começado a edificação da Aldeia em Maio de 1943, no fim do ano de 1950 tínhamos os seguintes edifícios habitados: 4 casas-família I, II, III, IV; casa-mãe; hospital; escolas; oficinas; capela; balneário; casa dos teares; 2 estábulos e poelgas; casa do forno e garagem — 14 edifícios.

Em 1951/1952: Muros de suporte e aterros na mata e dois tanques-depósito aonde fomos buscar 8.000 m<sup>2</sup> de cultivo.

Em 1953: Levantamento de um novo edifício-oficinas com 9 x 25 m e dois pisos.

*D. Américo*

## NOTAS DO TEMPO

● As grandes urbes são uma caixa de supresas onde, ao contrário destas, se colhem, com frequência crescente, sensações de desencanto.

Foi há dias, em maré de recados. Entre outros, levava uma encomenda para aviamento oportuno, a recolher dois dias após. O funcionário da portaria estava cercado por várias pessoas que aguardavam entrevista com outros funcionários dos andares altos. Adiantei-me para saber aonde havia de entregar a requisição. Era na cave. Mas tinha de esperar ali que me fosse passado um salvo-conduto em troca do bilhete de identidade; e, antes de entrar, houve que abrir a pasta e mostrá-la. Em baixo deixei a nota do material desejado e escutei a pragmática informação de que o levantamento era a dinheiro ou cheque visado.

Não tem este desabafo a menor intenção crítica à estratégia defensiva adoptada por esta enorme empresa. Terão, com certeza, as suas razões... Nem ali é lugar para sensibilidades! Mas eu é que não consigo despir-me da minha. É saí triste, a ruminar o estado de insegurança, o princípio de desconfiança que este proce-

der denuncia e é clima cada vez mais generalizado no primor de civilização a que chegou a cidade dos homens. E formado que fui no princípio da confiança, na escola da «porta aberta» em que Pai Américo foi mestre, tremo ao pensar no cerco que o mundo aperta e praça a Deus nunca afogue esta cidadezinha de outro espírito que o Espírito lhe soprou.

● Serviço de Rapazes nossos que vieram do Ultramar têm-me levado ao «Serviço de Estrangeiros».

Por nós, nada tenho a dizer senão bem do bom acolhimento que ali temos recebido. Mas ao olhar aquelas filas de gente, quase toda humilde e de aspecto a dizer pobreza, emaranhada na teia de papéis e de despesa que lhes faz falta à boca, gente que nasceu portuguesa, que muitos anos foi portuguesa... e há dez virou estrangeira nesta terra escolhida para viver e agora mais madrasta do que nunca o fora — fico apreensivo.

Será que fomos racistas?... ou somo-lo agora? Ou será simplesmente um fenómeno de inconsciência crassa mantida ainda hoje pelos mesmos que in-

tervieram no processo e tiveram a estultícia de lhe chamar, ou consentir que lhe chamassem, «exemplar»?...

● Ao passar pelas galerias mais centrais do Metropolitano não podem os olhos fechar-se àquela feira contínua onde tantos dos feirantes são jovens e tantos outros de tez tismada pelo sol de outras latitudes.

Compensará o negócio?... Ainda que sim, por que preço de incomodidade!, com que hipoteca da própria dignidade humana!

E o coração torna-se ainda mais pesado à pergunta que fica sem resposta: — Onde morará, à noite, aquela gente que ali mora durante o dia?

● Meu Deus, que estas notas costumam ser sempre em contra-ponto: uma triste, outra de esperança!... É esta a minha convicção e o meu querer.

Pois aqui vai a nota que me deste há pouco num salmo da oração da tarde:

«Os que confiam no Senhor são como o monte de Sião, que não estremecerá e permanecerá eternamente.

Como Jerusalém, cercada por

## Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 2.ª página

Próximo. Não há que sair deste caminho!»

O Padre Moura recolheu 67 novos leitores de O GAIATO — que aceitaram o compromisso da assinatura — na igreja

montanhas, assim o Senhor abraça o Seu povo, agora e para sempre.»

É isto: Deus é a nossa Paz. E a nossa confiança n'Ele (e só por Ele confiaremos uns nos outros!) a condição de firmeza da cidade dos homens, a garantia da sua perenidade.

Padre Carlos

dos Capuchinhos, no Porto. E o Padre Telmo cerca de 200 em Santiago de Bougado (Trofa).

Para além destas acções temos a grande procissão que converge aqui, diariamente, de todas as províncias de Portugal e das comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo. Pelo caminho, os peregrinos deixam rasto tão profundo, como profunda é a mística de todos e cada um.

Fânzeres (Gondomar): «Junto uma nova assinante que conseguil... para a qual agradeço comecem a enviar O GAIATO logo que possível.

É bem pouco o que enviamos, mas cremos que a nossa

Cont. na 4.ª página

Por exemplo, lembro-me bem de um seu professor de Teologia que dizia, proclamava por todo o lado que ele estava doente para estudar mas não estava para comer...

Em muitas circunstâncias o padre Américo sofreu as inclemências dos seus padres. Alguns não compreenderam a sua vocação, a sua missão, a sua obra. Eram rigoristas, tudo viam pelo cálculo, pela facha-



# FACETAS DE UMA VIDA

da bem ordenada e disciplinada. Lembro-me de casos tristes que nem é bom lembrar. Logo que se ordenou, o padre Amé-

rico foi nomeado prefeito da segunda prefeitura do Seminário e professor de Português. Mas a sua passagem foi rápida por esta nova experiência. Ele era meu professor mas não meu professor. Evidentemente que esta não era a sua vocação, não era este o seu lugar. Na minha perspectiva (posso estar enganado), o padre Américo não sabia, não podia, ou não queria sujeitar-se a métodos rígidos tradicionais, a regras fixas de que tivesse de dar conta, a castigos, à balança de pesar com conta e medida. O seu espírito era amplo e largo como os seus braços quando se abriam.

Certamente, se houvesse uma hipótese de liberdade e criatividade, se não houvesse grades, ele poderia ter sido um bom mestre da língua materna. O seu estilo era belo, vivo, natural, comunicativo, cheio de suavidade e harmonia.

Mas ele não dava as notas pelos parâmetros tradicionais. O actual senhor Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, que foi aluno seu nesse

ano único de ensino, esse bem poderá falar sobre este tema. Porque o «nosso Américo» era vivo de inteligência, perspicaz e de resposta rápida e serena.

Um dia, o Raul Mira, seminarista, o qual julgo ainda vivo com o nome de Monsenhor Raul Mira, na diocese de Aveiro, uma alma também simples, sem malícia, vivaço, quando o senhor Américo apareceu, pela primeira vez, no Seminário,

desfechou-lhe, à queima-roupa, esta pergunta:

— Como se chama você?

— E tu? — redarguiu o senhor Américo.

— Eu chamo-me Raul Mira, respondeu simploriamente.

— E eu, Mira Raul! — concluiu o recém-chegado.

CONT. NA PRÓXIMA EDIÇÃO

# FESTAS

CONTINUA DA 1.ª PÁGINA

e, decerto, expressará depois, aos leitores do matutino, a sua euforia espiritual.

Poderíamos continuar. As Festas são notícia de primeira grandeza sob vários ângulos. Aí vão os tópicos principais para estímulo de quem não tenha, ainda, saboreado este convívio salutar; que no tocante ao programa, o «Chinês» afirma peremptoriamente: — A Festa está uma categoria e não fica a dever nada ao programa dos anos anteriores! Ele lá sabe porquê. O «Chinês» é um dos festeiros; pertence ao elenco artístico.

## CENTRO e SUL

A hora de fechar O GAIATO não chegaram notícias do Cen-

tro e do Sul. Compreendemos. A vida dos nossos Padres é tão cheia que muito do material inserto n'O GAIATO tem o valor específico de ser escrito com muito sacrifício.

Os senhores e senhoras do Centro e do Sul façam o favor de botar os olhos para a nota seguinte, onde referimos também as datas e salas das Festas organizadas pelas Casas do Gaiato de Miranda do Corvo e de Setúbal. A vossa presença, em qualquer uma das Festas, é para nós o maior estímulo — pois elas são um encontro de Amigos!

Júlio Mendes

## NORTE

### MAIO

2, às 21.30h — **Amarante Cine-Teatro**  
Bilhetes à venda: no Amarante Cine-Teatro.

6, às 11 horas da **MANHÃ — COLISEU DO PORTO** (repetição da Festa)  
Bilhetes à venda: no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54, telefones 23981/2; e bilheteiras do Coliseu do Porto, telef. 25196.

## CENTRO

### ABRIL

23, às 21h — **Salão dos Bombeiros MIRANDA DO CORVO**

### MAIO

1, às 15.30h e 21.30h — **Teatro Avenida COIMBRA**

4, às 18h e 21.30h — **Teatro Cine — COVILHÃ**

5, às 15.30h. — **Cinema Gardunha — FUNDÃO**

6, às 15.30h — **Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO**

## SUL

### ABRIL

28, Humanitária de **PALMELA**

30, Sociedade da **QUINTA DO ANJO**

### MAIO

11, Teatro Luisa Tody — **SETÚBAL**

12, Sociedade das **CABANAS**

# NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

● Nos relatos de crimes e roubos, tudo em minúcia: Se foi com faca ou chave de parafusos; a maneira como os gatunos fizeram o buraco para chegarem à ourivesaria; o modo como a menina foi violentada e a cor do vestido.

Vamos comendo tudo o que a Imprensa nos dá...

Nunca vi nos locais dos crimes e roubos, em letra redonda — e a propósito:

Não mates.

Matar é contra a Lei de Deus.

Não roubes.

Permanece sempre perante Ele a obrigação de restituíres.

Matar não é só tirar a vida do corpo, também o dano causado nos bens e na alma: Roubar a boa fama; usar violência; armar os povos; impor idéias.

Se Moisés viesse a este pobre Mundo com a Lei em placas de bronze... lançá-las-ia ao fogo — com ira. Subiria outra vez ao monte e, impulsivo: «como é?» É difícil responder pelo Senhor... Mas que Ele tem razão para nos puxar as orelhas — isso tem.

● Apesar de tudo, os «bezerros» do Povo de Deus

eram ouro verdadeiro. Os nossos soam a falso ou imaginário.

Queremos, à viva força, construir na terra a nossa pátria... Não nos sentimos peregrinos a caminho da Salvação.

Safu de nós o sentido do divino.

Mesmo a própria luta pela dignidade do homem se realiza na mera perspectiva humana e não na linha da sua filiação divina.

Estamos afastados do foco de Deus, bem longe do seu raio. Porém, sempre a tempo de cada um tomar consciência do abismo e, humildemente, como filho pródigo, regressar ao Pai — nosso Deus.

Padre Telmo

Júlio Mendes

Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560, PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Março: 51.350 exemplares.